

*Maríglia Aguiar \***Moab Acioli \***Maria de Fátima Vilar de Melo \**

## INTERATIVIDADE E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NO PORTADOR DE AFASIA (Parkinsonians Discourse: some paralinguistic strategies)

### ABSTRACT

The viewpoint adopted for this research is that of language as a symbolic process which takes social context as subject historical constitution. The conditions of language processing and situational context as well as interpersonal relation are considered. This kind of relation is taken as a concept based on which the analysis will be developed while trying to show how people are made understood during interaction, how they know they made themselves understood by the other and that they are acting coordinatively and cooperatively and which usage are they making of their linguistic knowledge and non-linguistic knowledge to create mutual and adequate comprehension and the strategies they are using to solve interactional conflicts. This paper aims to discuss the aphasic discourse process organization, particularly some of the paralinguistic factors in order to understand the strategies used by this subject to compensate some difficulties in his aphasic condition during interaction. Its relevance lays on that in identifying some discourse characteristics of the speaker we will be able to offer strategies for the overcoming of those difficulties faced by this subject.

**Keywords:** aphasia, interaction, paralinguistic factors.

### RESUMO

A Análise do Discurso procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto processo simbólico que parte do contexto social constitutivo do homem e da sua história. São consideradas as condições de produção da linguagem, a situação na qual foi produzido o dizer e a relação interpessoal. É essa relação que vai orientar a análise dos aspectos da conversação que tentam esclarecer como as pessoas se entendem ao interagir verbalmente, como sabem que estão se entendendo e agindo coordenada e cooperativamente, como usam seus conhecimentos lingüísticos e outros para criar condições adequadas à compreensão mútua, como criam, desenvolvem e resolvem conflitos interacionais. Neste trabalho, levanta-se a possibilidade de um estudo sobre o discurso do afásico, na tentativa de entender como esse discurso é organizado e como se dá o processo de interação em seu ambiente social, para verificar como se dá o uso de estratégias com recursos paralingüísticos para compensar dificuldades próprias da doença que possam vir a interferir na interação verbal. A relevância do trabalho está em identificar características e oferecer estratégias para a superação das dificuldades enfrentadas por esse sujeito.

**Palavras-chave:** afasia, interação, recursos paralingüísticos.

A linguagem humana é uma aptidão essencial para que haja a interação social, que consiste em produzir, enviar, receber e reagir à comunicação. É através da linguagem que construímos uma identidade e nos tornamos um “ser social”.

\*UNICAP.

<sup>1</sup> Trabalho elaborado com a participação dos alunos Izabella Cristina de Aguiar Gomes, Cynthia Gomes da Silva e Júlia da Silva Marinho, Bolsistas PIBIC/UNICAP/CNPq, a quem agradecemos.

A linguagem constitui o mais difundido e eficaz instrumento natural de comunicação à disposição do homem. Quando ocorrem distúrbios na comunicação, a identidade do indivíduo é comprometida, passando ele a perder espaço e atuar cada vez menos em seu círculo social.

Neste trabalho, enfoca-se a linguagem do afásico, ou seja, do portador de alterações na expressão da linguagem falada e/ou escrita, adquiridas como consequência de lesão em áreas cerebrais responsáveis pela fala, escrita e ou pela compreensão das mesmas. Essa patologia é resultado, quase que invariavelmente, de uma degeneração neurológica na região responsável pela produção da linguagem. Estudos sobre distúrbios de linguagem em pacientes que sofreram acidente vascular cerebral favoreceram o conhecimento sobre a localização cerebral da linguagem. Esses estudos fizeram ressurgir a hipótese de campo agregado, em uma teoria do funcionamento cerebral que torna ainda menos interessante a individualidade das células neurais, a teoria de ação de massa, que evidenciava a massa cerebral para o funcionamento do cérebro e não seus componentes neuronais (KANDEL; SCHWARTZ; JESSELL, sd).

Estudos mais recentes mostram que regiões distintas e localizadas no cérebro realizam operações elementares e as faculdades mais elaboradas são propiciadas pelas conexões em série e em paralelo de diversas regiões cerebrais. Os processos individuais são contínuos e indivisíveis, compostos por elementos independentes, processadores de informação, que regem até a mais simples tarefa cognitiva. Essa rede promovida pelas conexões neurais favorece a manutenção de uma faculdade, ainda que determinada área tenha sido lesionada (MURDOCH, 1997).

A comunicação pela linguagem falada constitui uma característica do ser humano. A produção de um discurso implica um saber da língua e um saber do mundo. Luria (1986) destaca a concepção de sistema funcional, considerando as funções cognitivas na linguagem (fala, leitura e escrita) como sistemas complexos organizados socialmente. O desenvolvimento dessas funções é resultado de relações estabelecidas pelos sujeitos em suas vivências e práticas sociais estruturadas na e pela linguagem:

O mundo que o sujeito constrói em seu relato depende em grande medida de suas escolhas lexicais, de suas intenções discursivas, do reconhecimento de implícitos culturais, do reconhecimento de elementos temáticos, do tipo de relação interlocutiva que estabelece com os outros, de coordenadas dêiticas de que lança mão para transformar “referentes” em objetos do discurso (MONDADA & DUBOIS, 1995, apud KOCH, 2002).

Para a linguagem oral ou escrita fluir, faz-se necessária uma intersecção do sujeito com o discurso social, atrelado a uma rede de significantes na qual esse sujeito se reconheça. Durante toda a vida, as pessoas desenvolvem um

‘dicionário cerebral’ e, por mecanismos complexos, acessam esse ‘dicionário’, traduzindo as palavras que aí se encontram em diferentes formas de expressão. Neste processo, está a compreensão destas expressões.

## 1. O TEXTO DISCURSIVO DO AFÁSICO

O afásico sofre uma ruptura no processo lingüístico, sendo obrigado a reorganizar a forma como vinha lidando ou utilizando os símbolos em seu modo de funcionamento nos diversos campos da linguagem. Ao adotar o ponto de vista de que a afasia resulta de alterações (seja de origem articulatória e/ou discursiva) de processos lingüísticos, é preciso ater-se ao estudo da linguagem não apenas no que diz respeito aos seus traços sintático-semântico-léxico-fonêmico, mas também aos traços paralingüísticos.

A Afasia, conseqüência de lesão cerebral nas áreas relacionadas à *comunicação (fala) e a sua representação simbólica (compreensão e interpretação)*, pode ser originada por diversas causas: desordens vasculares, traumatismos que atingem o hemisfério esquerdo, processos inflamatórios, escleroses disseminadas e encefaloses, abscessos e gomas, tumores e hematomas (MURDOCH, 1997). Resulta em uma séria perturbação na linguagem, caracterizada por distúrbio de expressão e recepção do código simbólico da linguagem oral e/ou escrita, estritamente. Os mecanismos lingüísticos são alterados em todos os níveis, tanto em relação à produção de fala quanto aos aspectos interpretativos desta. A fala pode se apresentar incoerente e incompreensível, em alguns casos, embora a compressão da mensagem emitida por outro seja conservada; em outros casos, a compreensão é completamente afetada, porém há fluência na fala. Cada caso vai depender da localização da lesão no cérebro.

Os afásicos podem apresentar instabilidade no uso de palavras e dificuldades em selecionar as que deseja usar, não estando este processo relacionado com crises amnésicas. Para alguns, é custosa a pronúncia de fonemas, e costumam repetir partes de palavras ou distorcer e suprimir as mesmas, o que não significa gagueira ou deficiência física, capaz de comprometer sua articulação. Muitos passam a falar de forma “telegráfica”, embora sem perder a compreensão da complexidade da língua. Não são acometidos de deficiência mental, apesar de apresentar discurso desconexo com a realidade e incapacidade de estabelecer uma relação de sentido entre as palavras e as coisas do seu meio.

A definição de afasia, portanto, exclui perturbações da função da linguagem causadas por confusão mental, e as dificuldades na comunicação causadas por surdez, cegueira, disartria ou hemiplegia.

O afásico constrói o seu pensamento de forma desviada, as palavras que necessita naquele momento de fala não lhe chegam adequadamente, não são

selecionadas nem ordenadas como o normal. Por isso, sua fala é reduzida e simplificada ao máximo ou desviada semântica, fonêmica ou morfológicamente da linguagem normal. Há um déficit na compreensão, o que torna necessário o uso de pistas, repetições, apoios e ordens bem curtas e objetivas como recurso para que possa se expressar.

Dependendo do local e da extensão da lesão cerebral, o indivíduo pode apresentar um ou mais sintomas. Dentre eles, estão perda total ou parcial da linguagem quanto a:

- articulação de palavras;
- expressar-se verbalmente;
- nomear objetos, repetir palavras, contar;
- noção gramatical;
- interpretar o que ouve – fica “surdo” às palavras, não reconhece seus significados;
- ler;
- escrever;
- organizar gestos para representar ou comunicar o que quer.

Pela determinação do local exato da lesão, a afasia pode ser classificada como *afasia de Broca*, *afasia de Wernicke* e *afasia total*.

A afasia de Broca é uma afasia emissiva, com maior déficit na expressão do sujeito do que na sua compreensão. Devido à lesão ocorrer nos centros neurológicos ligados à coordenação dos movimentos responsáveis pela emissão dos sons para determinada comunicação, o paciente é impossibilitado de executá-los. Associado a isso, há a limitação no uso da linguagem em função de um vocabulário reduzido, fazendo com que o uso das palavras seja estereotipado, com a freqüente utilização de jargões (utilização de mesma palavra ou frase curta para situações diversas de comunicação).

A fala é telegráfica, com predominância de morfemas lexicais (substantivo, adjetivos e verbos), e dificuldade na construção de frases gramaticalmente corretas. A escrita também é comprometida, embora esse sujeito seja capaz de efetuar a leitura silenciosa. Além disso, fazer cálculos torna-se uma atividade mais difícil. O distúrbio é acentuado por fatores psicológicos, e o sujeito, por não ter consciência da sua limitação, sofre com a tentativa frustrante de corrigir os erros durante a fala.

A afasia de Wernicke é uma afasia de natureza receptiva, apresentando um déficit de compreensão maior do que de expressão, sem dificuldades na articulação das palavras. A compreensão gráfica é comprometida, embora em menor grau que a oral. Neste tipo de afasia, o paciente apresenta discurso fluente e abundante, fala jargonofásica e uso de neologismos, além de um comprometimento tanto da compreensão quanto da expressão. Não há, necessariamente, uma ruptura no processo lingüístico. O afásico, nesta condição, é obrigado a

reorganizar a forma como vinha lidando ou utilizando os símbolos em seu modo de funcionamento nos diversos campos da linguagem.

Dada a dificuldade na organização desse discurso, tende a falar mais devagar. É capaz de emitir perfeitamente palavras, mas não consegue compreender o que lhe é solicitado e nem mesmo sua própria fala. Tem dificuldades em expressar o que quer, mesmo com gestos. Esses pacientes não têm consciência do seu déficit, tornando a recuperação mais difícil.

A afasia total compromete todas as formas e níveis de linguagem, fala, leitura e escrita. Há um comprometimento tanto da emissão quanto da recepção. Não há comunicação com este paciente, constituindo-se a forma mais grave de afasia, em especial por geralmente vir associada a comprometimentos neurológicos e motores. O sujeito perde a capacidade de utilizar a linguagem para representar ou autorizar as representações sensório-perceptivas do mundo.

## 2. INTERAÇÃO E LINGUAGEM NO AFÁSICO

É na interação pela linguagem que os interlocutores expressam, interpretam e negociam os signos verbais de acordo com a situação discursiva. A negociação do sentido é o que mais interessa no processo interlocutivo, pois é quando se tem uma interpretação do uso dos papéis no momento da enunciação, e a definição de quem domina ou não o turno, ou se há obediência às exigências constantes no uso dos turnos na conversação face a face (KOCH, 1997; MARCUSCHI, 1986). Nesse processo, o sujeito se realiza. Como na afasia há uma alteração no funcionamento da linguagem, o que se percebe é um deslocamento do próprio sujeito de sua posição de falante competente, comprometido ao nível do intradiscurso, a dispersão dos sentidos que não encontra unidade, e quando, eventualmente, a encontra, trata-se de uma unidade em que a heterogeneidade está dominada por um discurso desorganizado. Como consequência, há um comprometimento da relação discursiva e o sujeito afásico “fica a mercê de seu intérprete”.

A afasia desencadeia um processo de deslocamento de sentidos de uma zona de sentidos para a outra. Conseqüentemente, a linguagem (efeito de sentidos) se apresenta diferente do esperado pelo interlocutor que se vê impossibilitado de interpretá-la. Embora o afásico possa formular enunciados com efeitos de sentidos, a repetição histórica de seus deslizamentos se inscreve no discurso, levando seu interlocutor a interpretá-lo como quem fala, mas não sabe o que diz.

Além disso, sabe-se que o discurso caracteriza-se pela produtividade e criatividade, entendendo-se aqui a produtividade ou paráfrase como a dimensão técnica da linguagem. A criatividade ou polissemia, por outro lado, consiste na ruptura com o processo de produção dominante. É a transformação. Na afasia, observa-se um desequilíbrio entre esses dois processos de forma que a

criatividade se sobrepõe à produtividade. Sendo patológica essa criatividade excessiva, há uma alteração na inteligibilidade do discurso, e o terapeuta, na busca de manter o equilíbrio em seu discurso, explora exacerbadamente essa produtividade.

Considerando que o discurso é um conjunto de enunciados que derivam da mesma formação discursiva social, analisar o discurso do sujeito afásico (como qualquer outro discurso) significa observar o uso da linguagem em suas determinações concretas. No entanto, como o discurso só se dá no discurso do outro, somente analisando a relação discursiva se poderá entender o funcionamento discursivo dos dois interlocutores: o que fala e o que quer falar.

A fala constitui uma habilidade inerente ao homem – embora os órgãos do aparelho fonador desempenhem atividades secundárias no ato da fonação, emitir sons constitui uma atividade que todo indivíduo normal nasce “programado” para fazer. No processo de desenvolvimento dessa habilidade, marcas de interatividade são estabelecidas. Da mesma forma que na modalidade oral, o texto escrito apresenta traços de interatividade que determinam uma relação direta do escrevente com seu interlocutor. Entretanto, como a interatividade concretamente inscrita na textualidade foi investigada quase que exclusivamente na fala, o seu desconhecimento na escrita levou alguns autores a requererem que a escrita não mostrasse marcas de interatividade explícita. Com isso, a escrita caracterizou-se como linguagem do distanciamento e a fala, como linguagem da proximidade (MARCUSCHI, 1999/2002).

Porém, é indispensável ter presente que, quando se escreve, escreve-se para alguém e este alguém (o outro, o interlocutor) se encontra presente no horizonte do escrevente. De acordo com Marcuschi (1999), isto é equivalente ao princípio do dialogismo como fenômeno universal, em todos os usos da língua, seja na fala ou na escrita. Este princípio diz respeito à interlocução, também presente na escrita.

Para Vygotsky (1988), a linguagem oral funciona como uma espécie de elo intermediário (cf. Santana, 2002, ao fazer referência ao trabalho de Lacerda, 1993), exercendo um papel no processo de distinção entre oralidade e escrita, as quais possuem características distintas. Koch (1998) e Marcuschi (1994, 1995) consideram fala e escrita como duas modalidades distintas, cujas características vão sendo definidas num continuum de pólos marcados como + formal e – formal, referindo-se, respectivamente à escrita e à fala, a serem definidas pelo distanciamento/proximidades entre elas.

A oposição distanciamento-proximidade é tomada como uma das bases para identificar diferenças entre a fala e a escrita, fundadas na natureza do envolvimento implicado em cada modalidade. A fala tem como característica o envolvimento com o interlocutor, e a escrita, o envolvimento com o conteúdo. No entanto, não se pode esquecer que a interatividade é uma propriedade geral de todo e qualquer uso da língua e não de uma das modalidades de uso. Pois

ninguém escreve/fala sem ter em mente um leitor/ouvinte, o que se expressa como propriedade dialógica da linguagem, no dizer de Barckin (1929).

O interdiscurso acontece numa acentuada articulação entre os interactantes na relação do sujeito com o seu discurso e com o provável discurso do outro (MARCUSCHI, 2002). Pode-se afirmar que não há gramática sem discurso nem discurso sem gramática, mas gramática e discurso, entendendo-se por gramática a sintaxe da língua, tendo como unidade a frase ou sintagma; como sintaxe da textualização de unidades suprafrasais, e, ainda, na acepção de Wittgenstein (apud MARCUSCHI, 2002), a gramática de uma palavra com os processos de construção de sentido e não propriamente questões de sintaxe. De acordo com Marcuschi (1999), o que essas três noções de gramática possuem em comum são as regras, ou, melhor dizendo, regularidades, embora essa noção de regra não seja a única. De uma forma geral, regra constitui uma espécie de norma, 'indicação de caminho'.

Na escrita, marcas ou indícios evidenciam atos de interatividade, sugerindo uma relação direta e intencional do autor com o suposto leitor. Essa relação, ainda segundo Marcuschi, manifesta-se como um tipo de envolvimento interpessoal, podendo se apresentar de formas diferentes, com intensidade variada nos diversos gêneros textuais, tendo em mente que o escrevente sempre desenha um leitor para seu texto, mesmo que seja um leitor genérico.

Os indícios/pistas da interatividade são constituídos por expressões ou formas lingüísticas que subentendem a presença de um leitor ao qual o escrevente está se referindo de maneira clara, naquele momento. A ocorrência dos indícios de interatividade no texto escrito se dá como requisito da textualização. Um exemplo típico de interatividade é a carta pessoal, a qual detém marcas de interatividade e evidências claras. Já a notícia jornalística destina-se a uma audiência com a intenção de informar um leitor desconhecido. Neste caso, a interatividade vem menos marcada na própria textualidade, pois não há um movimento diretivo concreto com o leitor.

Marcuschi (1999, p.6) propõe algumas particularidades de como a interatividade se manifesta na escrita bem como suas marcas ou indícios, e destaca:

- a. Indícios de orientação diretiva para um interlocutor determinado (referência ao leitor com marcas por vezes nítidas, como em uma carta, por exemplo);
- b. Indícios de premonição face a leitores definidos (cujas formas de manifestação são muitas; às vezes constituem uma união de elementos que constroem um ciclo completo). A característica desses indícios é que resultam de uma ação dialógica em que o escrevente envolve o seu interlocutor diretamente na construção do argumento;



- c. Índícios de suposição de partilhamento ou de convite ao partilhamento (supõe um determinado leitor que partilha conhecimento específico, dialogando com ele. O caso dado como exemplo é o artigo científico);
- d. Índícios de fala de um interlocutor com o qual se dialoga (presença da alteridade ou proposição de uma alteridade efetiva, com é o caso de um texto com situação extrema);
- e. Índícios de oferta de orientação e seletividade (uso de dêiticos textuais, notas de pé de página, etc., como indícios claros de interatividade).

Para Marcuschi (1999, p. 13), “as marcas de interatividade na escrita e na fala atuam como operadoras de orientação cognitiva, propondo perspectivas de interpretação preferencial por parte do escrevente/falante”. A vida cotidiana do ser humano é preenchida de fenômenos discursivos. Em nossa sociedade, a escrita é bastante generalizada, destacando-se a fala em maior proporção que a escrita, ou seja, falamos mais do que escrevemos.

Todos os usos da língua são situados, sociais e históricos, mantendo um alto grau de implicitude e heterogeneidade, com enorme potencial de envolvimento. Fala e escrita são envolventes e interativas, sendo próprio da língua achar-se sempre orientada para o outro, visto não constituir-se uma atividade individual. A língua é um conjunto de práticas discursivas, onde são encontrados fenômenos como a oralidade e o letramento, práticas sociais de uso da língua. Do ponto de vista dos usos, a oralidade acha-se mais presente que a escrita em nossas atividades cotidianas.

A relação entre a fala e a escrita não se funda apenas na distinção entre código sonoro e código gráfico, mas em uma série de aspectos. Um destes aspectos passa pela relação que caracteriza gêneros textuais orais e gêneros textuais escritos: a unidade comunicativa. Uma unidade comunicativa, na escrita, seria equivalente à noção de oração ou frase na gramática tradicional, conceito inadequado para o texto falado, em que uma unidade comunicativa seria uma *unidade básica de manifestação da linguagem* (KOCH, 2005).

Um outro aspecto a ser considerado nessa relação é que tanto a fala como a escrita são usadas em diversas situações. A fala circula em todos os locais e se manifesta nas relações face a face, na presença dos interlocutores. Por outro lado, a escrita tem um grande papel na produção e no armazenamento do conhecimento. Ela não se reduz a um código gráfico para representação dos sons da fala, mas tem uma história independente da própria forma oral. Assim, a oralidade e a escrita são duas formas históricas de realização da língua e não dois códigos que apenas representam uma língua estática.

Quando falamos ou escrevemos um texto, nós utilizamos diversas estratégias discursivas para produzir os nossos textos. Fazemos e refazemos os



enunciados, repetimos com as mais variadas funções, deixando transparecer o nosso envolvimento sobre o que estamos falando ou escrevendo, enfim, tudo é, de certa forma, planejado. Na fala e na escrita, foram observadas três estratégias de textualização bastante freqüentes: a correção, a repetição e a modalização. Corrigir é uma estratégia de formulação textual que se manifesta de forma diferenciada na fala e na escrita. A repetição faz parte do processo de edição. Sua presença na superfície do texto falado é alta, constando que, em cada cinco palavras, em média, uma é repetida. É por isso que a repetição tem avaliação e papel diverso na fala que na escrita (MARCUSCHI, 1999).

Por outro lado, “ao produzir um discurso, o locutor manifesta suas intenções e sua atitude perante os enunciados que produz, através de sucessivos atos de modalização, que atualizam por meio dos diversos tipos de lexicalização que a língua oferece” (KOCH 1996).

Modificamos nossa fala em função do nosso interlocutor. Falamos de forma diferente quando nos dirigimos a um colega de trabalho e quando nos dirigimos a uma autoridade. É justamente esse fato que permite afirmar que tanto na recepção quanto na produção textual circunscreve-se o interlocutor (ouvinte/leitor), e que a interação verbal “constitui a realidade fundamental da língua” (MARCUSCHI, 1999). Na escrita, a carta pessoal constitui a categoria em que mais se evidencia a presença do interlocutor, a circunscrição do ouvinte/leitor. Por outro lado, a maior ou menor presença de marcas de interatividade no texto depende, entre outros fatores, do grau de envolvimento entre interlocutores.

A carta pessoal constitui um gênero em que os interlocutores se colocam como sujeitos e consolidam relacionamentos falando de si e mostrando-se interessados em conhecer o outro. No gênero carta, destaca-se, por outro lado, a carta ao leitor, em que o envolvimento com o assunto é o fato mais evidente tendo em vista que o objetivo do editor é buscar dar a conhecer os assuntos abordados, seja no jornal ou na revista.

Na conversação face a face, ocorrem as rotinas de polidez lingüística (saudações, despedidas, agradecimentos, etc), utilizadas cotidianamente nas interações com o objetivo de sustentar as relações interpessoais, conferindo à conversação um status de atividade potencialmente conflitante. Essas formas são mantidas nas cartas pessoais, funcionando como marca/pista de interatividade (MARCUSCHI, 1999). Nas mais diversas situações comunicativas, usamos os nossos sistemas de conhecimento para adaptar, da forma mais harmônica possível, todos os recursos verbais (escritos ou orais) e os recursos visuais (estáticos ou dinâmicos) existentes nas interações comunicativas em que estamos inseridos. É a multimodalidade discursiva como traço constitutivo a todos os gêneros textuais escritos e orais.

Na fala, o afásico dispõe dessa multimodalidade de recursos para a organização de seu discurso, atribuindo-lhe sentido, ao mesmo tempo em que possibilita a sustentação de suas relações interpessoais, possibilitando sua inserção social.

### 3. INTERATIVIDADE, RECURSOS PARALINGÜÍSTICOS E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

De acordo com a teoria pragmática da língua, que analisa as interações entre os enunciados e a interação, a compreensão depende das propriedades das suas estruturas; das propriedades paralingüísticas; percepção/observação real do contexto comunicativo; conhecimentos/crenças armazenados na memória em relação aos tipos de interação e a respeito do interlocutor, derivados de outros atos de fala e do conhecimento de mundo, organizado de acordo com determinados conceitos (*frames*). Na verdade, a interpretação vai além do texto, buscando compreender como um objeto simbólico produz sentidos. A interpretação é feita, então, em diferentes níveis: semântica, sintática, morfológica/lexical, fonológica/fonética e atividades paralingüísticas.

Marcuschi (1999) define a conversação como o exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais e o gênero básico para a interação humana. Para ele, é na Análise da Conversação que se reproduzem as conversações reais, transcrevendo-as com clareza, sem sobrecarga de símbolos complicados, considerando não só detalhes verbais, mas também entonacionais e paralingüísticos (repetição, hesitação, pausa, entre outros).

A descontinuidade, fenômeno normal na linguagem oral e superada pelo uso de estratégias usadas pelo falante, acentua-se na organização do discurso do afásico, particularmente como resultado da hesitação, pela dificuldade de articulação da fala, exigindo do interlocutor “um maior grau de atenção e compreensão” (cf. PRETTI, 1991, p. 33). Embora a hesitação faça parte do processo de organização da linguagem, constituindo inclusive um artifício do falante para resolver problemas de natureza tanto lingüística quanto cognitiva e/ou social, no afásico, dado a lentidão acentuada em todo o processo, esse fenômeno pode ser exacerbado, a exemplo do que acontece com os idosos na organização dos turnos (PRETTI, 1991, p. 41).

As estratégias utilizadas pelos usuários da língua também dependem da experiência de cada indivíduo e são aprendidas, para só então se tornarem automáticas. Para a construção de modelos estratégicos (representação mental de um acontecimento ou situação) é necessário que haja uma compreensão do discurso, a partir da representação de uma base textual na memória mais um modelo situacional; um sistema de controle geral, onde estão presentes as informações gerais sobre o tipo de discurso, objetivos, situação, entre outros; além de ser relevante uma grande quantidade de conhecimento.

Para a organização do texto discursivo, o indivíduo utiliza, dentre outros, marcadores paralingüísticos do tipo pausas, silêncios, hesitação, repetição, etc. os quais aparecem sempre que interagimos verbalmente. Nas produções verbais existe uma série de atos não-verbais extremamente significativos, tais como o

olhar, o riso, os meneios de cabeça e a gesticulação, desempenhando um papel fundamental na interação face a face, estabelecendo, mantendo e regulando o contato entre o falante e o ouvinte. São fenômenos de caráter cultural muito específico e dificilmente são transpostos de uma cultura para outra. Dionísio (2001, p.77) lembra-nos de que falamos com a voz e com o corpo, sendo decisivos, para o estabelecimento da coerência na conversação, os recursos não-verbais empregados pelos falantes de uma língua, e, portanto, de uma cultura.

O falante, na elaboração do seu discurso, faz uso de diferentes estratégias para resolver problemas relacionados aos marcadores paralingüísticos, destacando-se a hesitação, usada para buscar o foco (CHAFE, 1985). O falante hesita para decidir o que falar ou, ainda, decidir como falar. A hesitação pode aparecer em situações de repetição de itens lexicais ou gramaticais, nas autocorreções caracterizadas pela presença de um elemento lingüístico qualquer, em situações normais de conversação. A hesitação, interrupção marcante na produção oral, é encontrada com frequência no discurso do afásico, e constitui-se em fenômeno identificável pelo mais leigo observador.

Numa interação lingüística, o ouvinte recebe do falante, todo momento, as pistas necessárias à organização e negociação da fala. O contexto social (ou situacional) e o informacional condicionam suas ações e o orientam na organização dos turnos da fala, em observância às normas conversacionais (SCHEGLOFF e SACKS, 1973) e os fatos ausentes e os presentes no momento da interação. O valor das ações lingüísticas resulta da relação entre esses dois fatores no ato discursivo.

É através do discurso, permeado pelas ações não verbais e pelo contexto social, que se estabelecem as relações de poder entre os falantes, caracterizadas pela assimetria na interação (um falante tem mais poder que o outro). Exerce poder o falante que possui o controle de quem pode ou deve falar o que e em que momento (DIJK, 1997), exercendo um domínio sobre os participantes e definindo o papel a ser desempenhado por cada interlocutor no momento da interação, a exemplo da relação professor/aluno (SANTOS, 1998), médico-paciente (CORRÊA e MARTINE, 1989), discursos definidos como autoritários.

As marcas lingüísticas, pistas fornecidas pelos falantes, e as estruturas ao nível sintático-semântico, prosódico e situacional (acesso ao contexto de produção), expressam esse poder, mesmo de forma implícita, através de estratégias discursivas textuais e contextuais, definindo o controle sobre o discurso do outro. Os padrões entoacionais, por exemplo, refletem as ações do falante tanto ao nível lingüístico propriamente dito (estrutura gramatical) quanto ao nível situacional (intenções do falante em consequência de seu conhecimento prévio da situação e do seu interlocutor).

A interação propicia que os interlocutores expressem, interpretem e negociem os signos verbais de acordo com a situação discursiva. A negociação do sentido é o que mais interessa no processo interlocutivo, pois é quando se

tem uma interpretação do uso dos turnos da fala, com a finalidade de saber quem domina ou não o turno ou se há obediência às exigências constantes no uso dos turnos na conversação face a face. Entende-se por turno o uso ou não da palavra por um dos falantes. O interlocutor deve, em condições normais, esperar para iniciar seu turno.

Dentre os vários elementos que permitem a sustentação do turno está a repetição, por dois motivos: o primeiro para indicar que o interlocutor deseja permanecer como tal e o segundo para mostrar que ele está entendendo as palavras do ouvinte e concordando com elas.

Segundo Marcushi (1988), repetição é a produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo. De acordo com a definição citada, o termo “idêntico” diz respeito a uma repetição em que o segmento repetido é realizado sem variação em sua relação com a sua primeira entrada. Já o termo “semelhante” aponta para a produção de um segmento com variação, seja de estrutura ou outra qualquer.

As repetições operam também num nível discursivo, exercendo pressões sobre a organização sintática, afetando de algum modo a forma das sentenças e a própria ordem dos seus constituintes.

Como destaca Koch (2004), as repetições podem ter também a função cognitivo-interativa de facilitar a compreensão através do desaceleramento do ritmo da fala, dando ao(s) parceiro(s) tempo maior para o processamento daquilo que vai ser dito.

A repetição atua, na grande maioria das vezes, como característica organizadora da fala. Esta organização leva a que se produzam segmentos inteiros duas vezes, por motivo de interrupções, interferências externas ou outros. Seria o caso das manifestações como riso, gestos, etc, que podem ser tomados como nervosismo, ironia, etc, funcionando autonomamente na interação. Sendo assim, o locutor poderia repetir-se em virtude destes sinais.

Na conversação, as unidades devem obedecer não só a princípios sintáticos, mas também a princípios comunicativos. Assim, os marcadores conversacionais do texto são específicos e com funções tanto conversacionais como sintáticas. A repetição é um dos critérios mais visíveis para identificar a naturalidade da fala, cuja característica, entre outras, está na tendência ao envolvimento e à impossibilidade de revisão, sendo natural que o falante se repita com certa frequência.

No ato de falar, a repetição funciona como estratégia de monitoração rítmica da coerência, favorecendo a coesão superficial e auxiliando na geração de seqüências mais compreensíveis. Propicia uma textualidade menos densa e maior grau de envolvimento interpessoal, sobretudo no caso das repetições mútuas (MARCUSCHI, 1988).

Em geral, quando se fala das funções da repetição, são citadas algumas

poucas tais como reforço, ênfase, coesão, coerência e efeito lingüístico, muito embora as funções sejam mais variadas e mais difíceis de identificar do que as anteriormente referidas. Isso se dá pelo fato de que, muitas vezes, uma repetição num dado contexto pode ser plurifuncional, dependendo do ponto de vista em que é tomada.

Na organização do seu discurso, o afásico utiliza todos esses marcadores paralingüísticos (pausas, silêncios, hesitação, repetição) sendo a repetição encontrada com muita freqüência. Convém destacar que, embora os recursos paralingüísticos apareçam sempre que interagimos verbalmente, a sua utilização e freqüência são próprias de cada indivíduo.

Considerada como um dos marcadores mais visíveis para identificar a naturalidade da fala, a repetição, no afásico, é exacerbada, muitas vezes diagnosticada como palilalia, que consiste em uma repetição recorrente de palavras.

Vista sob outra perspectiva, por estar associada, em geral, com a espontaneidade, a ocorrência da repetição no afásico pode tornar-se ponto positivo na organização de seu discurso, passando a ser vista como uma estratégia discursiva a ser considerada pelo terapeuta da fala, na clínica fonoaudiológica. Assim, o sujeito afásico, ao fazer uso das repetições com a intenção de melhor se fazer entender, acabará por beneficiar-se com essa estratégia, imprimindo espontaneidade ao seu discurso e aproximando-se da produção oral de sujeitos que não apresentam a patologia.

Outro elemento paralingüístico, bastante relevante na conversação é a troca de turnos. Koch (1997), afirma que a conversação provoca situações modificadas ou formadas através do diálogo, e que, durante a interação, tem-se o que Goffman (apud KOCH, 1997) nomeou *processos de configuração*, que representa o modo como um interlocutor se coloca frente ao outro. Como exemplo, cita as várias maneiras que uma pessoa tem de se representar: em casa, é o chefe da família; no trabalho, empregado e amigo; na hora do lazer, esportista.

Como mencionado previamente, a conversação estrutura-se em turnos, que é o momento de intervenção de um dos sujeitos no decorrer do diálogo. Existem interações simétricas, nas conversas do cotidiano, onde os integrantes possuem igual direito a fazer uso da palavra, e as interações assimétricas, onde um indivíduo detém o poder da palavra, como em entrevistas, consultas e palestras. Para a organização conversacional, existem regras a serem cumpridas. Mesmo na interação simétrica, não é comum tomar a palavra com freqüência. Ocorrendo este fato, dá-se a sobreposição de vozes, pois, por alguns momentos, dois ou mais falantes falam simultaneamente, o que resulta em tomada de turno.

Coulthard (apud DOLLY, 2003. p. 17-18) afirma que os "turnos" nem sempre acontecem de forma clara. Em algumas situações, onde mais de duas pessoas falam ao mesmo tempo, lacunas indevidas ocorrem. Em cada país e grupo social existem conjuntos de regras que indicam quem e quando falar.

Observa-se, no discurso do afásico, que existem trocas de turno indevidas pelo fato da família não possuir uma adequada escuta. De acordo com Sebastian, Ryan e Abbott (apud PRETI, 1991, p. 24), a realidade do idoso brasileiro em relação ao discurso é a *suave violência do silêncio*, que se deve a uma cultura contemporânea em que se atribui ao idoso uma característica negativa de lentidão, dependência, passividade, fraqueza, incapacidade física e mental. A impaciência pela espera do turno na interlocução com o afásico termina por levá-lo ao mutismo e, conseqüentemente, ao isolamento.

Outro fenômeno paralingüístico freqüente no discurso do afásico é a hesitação, que aparece como uma condição favorável encontrada pelo sujeito para os momentos em que se encontra esquecido, ansioso, frustrado, nervoso, tenso, etc. Sendo um fenômeno discursivo sistemático, embora podendo ocorrer na fala desses indivíduos de forma assistemática em diferentes situações, pode revelar estratégias adotadas para resolver dificuldades encontradas na organização de sua linguagem.

Essas e outras estratégias lingüísticas podem ser encontradas na fala do afásico como forma de superar sua dificuldade na organização do seu discurso, tornando o processo de descontinuidade um meio de organizar melhor o texto discursivo, assim como o fazem os sujeitos sem nenhum comprometimento verbal, a exemplo da hesitação, definida como fenômeno organizador em situações de interrupção de fala, em pontos não previstos, seja por fatores sintáticos seja por fatores prosódicos.

Um estudo aprofundado do processo discursivo na fala do afásico é imprescindível para se pensar formas de utilização de estratégias normalmente encontradas na organização discursiva de sujeitos que não desenvolveram essa patologia, identificando as dificuldades e adequando o uso de estratégias para cada situação com vistas a melhorar seu desempenho e, com isso, sua autoestima. Isso poderá contribuir não apenas para sua maior participação em atividades sociais, como também para uma reflexão sobre a discriminação e o isolamento sofrido pelo afásico e a sua angústia na necessidade de ser compreendido pelos seus familiares, podendo esses fatores mover uma ação social na melhoria de sua qualidade de vida.

Espera-se que tanto os profissionais que trabalham com a fala como os familiares desses sujeitos possam refletir sobre este tipo de estratégia, estimulando o seu uso de forma a minimizar os efeitos ocasionados pela doença, ajudando-o a integrar-se de forma mais efetiva no seu meio social.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail 1929]. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- CHAFE, W. (1985). **Some Reasons For Hesitating**. Norwood.
- CORRÊA, Luiza; MARTINE Castro. Análise da constituição e reprodução no discurso médico-paciente: uma abordagem sociolinguística interacional. In TARALLO, Fernando (org.) **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: UNICAMP, 1989, 239-68.
- DIJK, Teun A. van (1997). **Discourse, power and access**. University of Amsterdam, Program of Discourse Studies: mimeo.
- DIONÍSIO; Ângela P. (2001). Análise da conversação, In: Mussalin, F. & Bentes. **A introdução à linguística: domínios e fronteirs**, v.2. São Paulo: Cortez.
- FAVERO, L.L. (1991). **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática.
- KANDEL, E. R.; SCHWARTZ J. H.; JESSELL, T. M. **Fundamentos da neurociência e do comportamento**. Brasil: Prentice/Hall. sd.
- KOCH, I. V. (1997). **Interação pela Linguagem**. São Paulo: Contexto. 3ª Edição.
- KOCH, I. V. (2004). **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes. – (Coleção texto e linguagem)
- KOCH, V. (2002). **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez.
- KOCH, V. (1997). **O texto e a construção de sentido**. São Paulo: Contexto.
- LURIA, A.R. (1996). **Las funciones corticales superiores del hombre**. México: Fontamara.
- MARCUSCHI, L. A. (1999). **Análise da Conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática. 1986.
- MARCUSCHI, L.A. (1988). **Sugestões para análise da repetição no português falado**, Letras-UFPE – (mimeo).
- MARCUSCHI, L. A. (2001). **Da fala para a escrita: processos de retextualização**. São Paulo: Cortez.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio (1997/2002). **Marcas de interatividade no processo de textualização na escrita** (mimeo).
- MARCUSCHI, Luiz Antonio (1999). **Oralidade e escrita: uma ou duas leituras do mundo?** Recife: UFPE (mimeo).
- MURDOCH, B. E. (1997). **Desenvolvimento da fala e distúrbios da linguagem: Uma abordagem neuroanatômica e neurofisiológica/ B. E. Murdoch** – Rio de Janeiro: Revinter.
- PRETI, D. (1991). **A Linguagem dos Idosos**. São Paulo: Contexto, p. 22.
- SANTANA, Ana Paula (2002). **Escrita e Afasia: a linguagem escrita na afasiologia**. São Paulo: Plexus.
- SANTOS, Gilberlande Pereira dos; ELLO, Luciana Carneiro Leão de & DUQUE-ESTRADA, Megan (1997). **Análise da conversação** (trabalho monográfico): UFPE.
- SANTOS, M.F.O. (1998). **As relações de poder na interação professor/aluno, em contexto universitário**. Tese de Doutorado UFPE.
- SCHEGLOFF, E.A. and Sachs, H. Openings and closings. **Semiótica**: 289-327, Vol. 8, 1973.



